

## **NINA RODRIGUES E O RACISMO CIENTÍFICO NA PSICOLOGIA: LIMITAÇÕES TEÓRICAS E INVISIBILIZAÇÃO DA SAÚDE MENTAL NEGRA**

**ODS 3, 10 e 16**

Nataly de Carvalho (Faculdade Anhanguera de Taubaté)  
Prof. Me. Paulo Eugenio Ferreira Rocha (Faculdade Anhanguera de Taubaté)

O presente trabalho, de caráter bibliográfico, analisa a influência de Nina Rodrigues na consolidação do racismo científico e suas repercussões na psicologia brasileira. A trajetória da psicologia no Brasil é marcada por heranças coloniais que sustentaram desigualdades históricas e estruturais. Entre os teóricos que evidenciam essa herança está Nina Rodrigues, psiquiatra e etnólogo brasileiro que, no final do século XIX, contribuiu para a consolidação do chamado racismo científico. Suas teorias atribuíram características biológicas e morais a diferentes raças, justificando exclusão e violência. Inspirado em Cesare Lombroso, defendeu que negros, indígenas e mestiços possuíam inferioridade moral e mental inata, sendo, portanto, mais propensos ao crime. Argumentava que esses grupos tinham menor capacidade de autodeterminação e deveriam ser tratados de forma distinta pelo sistema penal, o que reforçou práticas excludentes na psiquiatria e na psicologia. Na psicologia brasileira, tais ideias associaram raça a desvio, influenciando diagnósticos, tratamentos e políticas públicas. A subjetividade negra passou a ser interpretada de forma enviesada, ignorada ou mesmo criminalizada. Considerar suficientes essas bases teóricas coloniais não apenas limita a prática profissional, como também sustenta a exclusão da população negra dos cuidados em saúde mental. A negação das marcas deixadas pela escravidão invisibiliza sofrimentos que se acumulam na vida cotidiana de sujeitos historicamente marginalizados, realidade ainda presente sobretudo nas periferias, onde o acesso a cuidados psicológicos é precário e restrito. No Brasil, a psicologia, construída a partir de referenciais eurocêntricos, mostrou-se insuficiente para responder às demandas sociais do país. A reprodução acrítica dessas teorias perpetua uma prática cúmplice das violências raciais ao desconsiderar fatores históricos, sociais e culturais do sofrimento mental. Reconhecer esse legado não significa negar contribuições de autores clássicos, mas problematizar suas limitações e construir uma psicologia descolonizada. Tal perspectiva valoriza saberes produzidos nas resistências, que consideram as marcas da escravidão e as formas de exclusão ainda vigentes. Superar a herança de Nina Rodrigues e de outros teóricos que legitimaram desigualdades implica assumir a saúde mental da população negra como direito a ser garantido e protegido. Mais que um movimento acadêmico, trata-se de um compromisso social que pode transformar a psicologia em um campo ético, crítico e capaz de contribuir para uma sociedade mais justa e saudável.

**Palavras-chave:** Desigualdade Racial; Nina Rodrigues; Psicologia Brasileira; Racismo Científico.